

LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS: UMA LEITURA DO DIÁRIO *DE MINHA VIDA DE MENINA*, DE HELENA MORLEY

Penha Lucilda de Souza Silvestre (UNESP- bolsista CNPQ)

O diário intitulado *Minha vida de menina* (1942), de Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant (1880- 1970) foi escrito no período compreendido entre os anos de 1893 a 1895, quando Helena tinha treze anos de idade. Ela foi motivada pelo pai, protestante eclético, para exercitar o hábito de escrever, registrar os acontecimentos pelos quais a família vivenciava. Além disso, o professor de Português da Escola Normal exigia das alunas uma composição diária. Assim, a trama diz respeito ao cotidiano da vida em Diamantina, cidade mineira, onde os resquícios da escravidão eram latentes e a mineração em decadência. Dessa forma, Helena revela uma análise crítica da realidade histórica daquele momento, sobretudo do olhar de Alexandre, pai da protagonista. Este era filho de ingleses, o que permite a exposição e o olhar de diferentes perspectivas históricas, sociais e religiosas. Como também de tia Madge e da avó materna, Teodora. A partir dessas considerações, temos como objetivo propor uma possível leitura e análise sobre as lembranças e memórias de Helena. Para tanto, realizaremos uma crítica integradora ao abordarmos o gênero memorialístico, os estudos de Ecléa Bosi, Antonio Candido, Roberto Schwarz, dentre outros estudiosos.

No que diz respeito aos trabalhos acadêmicos, fica evidente como ainda o diário não foi efetivamente estudado pela crítica literária brasileira, seja na realização de trabalhos monográficos, dissertações e teses, ou ensaios críticos. Constatamos alguns estudos como o ensaio intitulado *Dois meninas* de Roberto Schwarz (1997). O estudioso realiza uma provocação ao tecer reflexões sobre Capitú, personagem machadiana, esta marcada pela ambiguidade e Helena, personagem de Helena Morley que rompe com ideias de um tempo, mostra-se emancipada. Conforme o crítico, o diário pode ser considerado bom e não há nada “à sua altura em nosso século XIX, se deixarmos de lado Machado de Assis” (SCHWARZ, 1997, p. 47).

Schwarz ainda assinala:

A seu modo, a excelência do livro da Morley confirma o programa machadiano, que à matéria nacional explícita e emblemática preferia o “o sentimento íntimo” do país e do tempo, o famoso brasileirismo interior, “diverso e melhor do que se fora apenas superficial”. O tino da moça para o âmbito das relações e para sua precedência sobre a definição convencional dos termos não pára de surpreender. Como a obra de Machado de Assis, os escritos de Helena parecem imunizados contra a grosseria corrente, ou seja, contra a confirmação mental das separações, dos estigmas ligados à persistência – ou à modernização – da matriz colonial. A humanidade perfeita no trato com os espezinhadados da vida brasileira deixa boquiaberto o leitor de hoje. A imprevidência absurda, a dependência pessoal abjeta, a cor escura da pele, a gramática errada, os furtos constantes, a superstição, etc. não são lançados à conta exclusiva da outra classe, e melhor, são lembrados ironicamente dentro da própria, deixando sem arrimo ideológico a realidade do desconjuntamento social (SCHWARTZ, 1997, p. 128-9).

Já Alexandre Eulálio (1993) diz que: “A obra amanheceu clássica, vindo a conquistar, sem alarde algum, o lugar de destaque que lhe cabia nas nossas estantes [...] O diário de Helena Morley obra por assim

dizer insuperável no gênero; o mais colorido e animado diorama da infância tradicional brasileira” (EULÁLIO, 1993, p.36). Em seguida, na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, a estudiosa Sandra Maria Ferreira Moizés, em 2003, apresenta a dissertação na linha de pesquisa Gramática e textualização, cujo título *O discurso memorialístico do processo enunciativo à organização textual em Minha vida de menina, de Helena Morley*, mostra peculiaridades do gênero discursivo (diário) com o objetivo de analisar como se dá a construção do sujeito a partir da materialidade linguística.

Em 2004, na Universidade Federal do Ceará, Maria Aurilene de Vasconcelos apresenta a dissertação *Artimanhas no discurso de Helena Morley*. A estudiosa se preocupa com a representação literária em sua constituição e suas relações com a realidade. Para tanto, dialoga História e Literatura com o objetivo de realizar uma leitura crítica do texto em questão. Analisa o discurso multifacetado da personagem protagonista, como também a multidimensionalidade da mesma representada em seu diário. Além disso, aborda textos memorialísticos com o intuito de observar como se dá a constituição dos mesmos: autobiografia, romance autobiográfico, memórias, auto-retrato, poema-autobiográfico e biografia.

No mesmo ano, no campus da Universidade Estadual de Campinas na área de Educação, a pesquisadora Maria Salete Alves de Aguiar apresenta a dissertação *Imagens de um processo formativo: a educação da menina no diário “Minha vida de menina”, de Helena Morley (2004)*. O estudo diz respeito à formação da personagem num contexto multifacetado: família numerosa, herança patriarcal, a condição do país após a abolição dos escravos e questões educativas. Enfim, observa as contradições e situações pitorescas apresentadas no diário. Assinala diversos fatores que contribuíram para o *Bildung* de Helena, uma vez que o diário se “assemelha a um “Bildungsroman” truncado, pois ao lermos as notas da primeira edição, pelo próprio punho da autora, vamos logo sabendo o resultado da sua novela de formação – o casamento” (AGUIAR, 2004, p. 87)

Há a tese de Maria Teresa Machado da Silva, em 2000, apresentada a Universidade de São Paulo, na linha de pesquisa Teoria e prática da tradução, o estudo *Para inglês ler: o diário de Helena Morley traduzido por Elizabeth Bishop*. A autora realiza um estudo crítico sobre a tradução do diário, apoiado no modelo conceitual e metodológico proposto pelo tradutor francês Antonie Berman referente à crítica das traduções. Posteriormente, na Universidade Estadual Paulista, na Faculdade de Ciências e Letras, campus de Araraquara, Cristal Recchia defende a dissertação intitulada *Perspectivas femininas em Helena Morley e Lygia Fagundes Telles: Minha vida de menina e As meninas (2008)* com o intuito de observar como se dá, nos respectivos textos, a construção da personagem feminina e a maneira como as narradoras enfrentam o espaço em que estão inseridas, visto que o texto de Helena Morley narra os fatos vivenciados numa cidade do interior de Minas Gerais em fins do século XIX; diferentemente, o texto de Lygia Fagundes, as personagens vivem numa cidade grande e agitada, no século XX. Dessas diferenças há a possibilidade de observar como se dá a constituição da figura feminina em momentos diferentes.

O diário aproxima-se de uma narrativa de formação, subgênero muito próximo do *Bildungsroman* (romance de formação), uma vez que relata o processo de crescimento e a experiência de vida da protagonista. Esta aprende a conhecer a si mesma e as outras pessoas que vivem no mesmo espaço (urbano/mineração), penetrando, silenciosamente, nas entranhas e segredos da existência humana. A

personagem revela sua condição social e as necessidades materiais, marcada pela falta e o desejo de alcançar uma vida melhor. Aguiar afirma que pesquisar “elementos no diário que atestem seu “bildung” não é tarefa difícil considerando a impregnação de situações que lentamente vão atuando sobre a trajetória da menina” (AGUIAR, 2004, p. 82).

A abertura do diário se dá numa quinta-feira, dia 5 de janeiro de 1893. A personagem já revela um olhar observador: “Hoje foi nosso bom dia da semana”. Ela apresenta, de forma geral, a situação pela qual a família passa, evidencia-se a dificuldade financeira decorrente da escassez do diamante nas minas “agora que a lavra não tem dado nem um diamantinho olho-de-mosquito” (MORLEY, 1998, p.19). A menina esclarece a distribuição das atividades domésticas entre os pares e a existência de uma economia de subsistência, visto que os meninos, Nhonhô e Renato, vendem peixes e passarinhos, enquanto a mãe e filhas cuidam da roupa ou afazeres domésticos. Os meninos se preocupam com a caça e a pesca: “Nhonhô põe o visgo e fica de longe à espera de passarinhos” (MORLEY, 1998, p. 19) e Renato pesca lambaris. Ao retornarem a cidade, eles vendem o que conseguiram caçar e pescar. A partir deste contexto, Helena vislumbra situações que poderiam amenizar as atividades árduas realizadas pela mãe: “Ainda se pudéssemos ficar na lavra com meu pai, ela não precisava trabalhar tanto. [...] eu morro de pena dela” (MORLEY, 1998, p. 20).

Todos partilham das atividades domésticas e procuram suavizar as tarefas da mãe que parece ser frágil: “Hoje, fui chegando, jogando os livros na mesa e começando a fazer as obrigações da semana: passar roupa da casa a ferro” (MORLEY, 1998, p. 70). Às vezes, fica com a família uma auxiliar, ou seja, escrava que pertencia à avó: “A nossa negrinha Cesarina tem nos feito muita falta” (MORLEY, 1998, p. 70). O modo como a menina registra os fatos evidencia uma postura crítica e inconformada, pois preocupa-se com a condição da vida familiar. Helena relata uma série de acontecimentos, registra suas relações com familiares, amigos e vizinhos. Tais acontecimentos atuam na maneira de ser e de perceber o mundo, e necessariamente, contribui para a sua formação e interação social. Além desses aspectos, a igreja e a escola apresentam uma função decisiva, sobretudo quando apresentam a idéia de inculcar valores pré-estabelecidos pertinentes à burguesia do final do século XIX.

Engraçado é que todos sabem que superstição é pecado, mas preferem levar o pecado ao confessorário a fazerem uma coisa que alguém diz que faz mal.

Uma vez perguntei a vovó: “A senhora não gosta de pecar, e como sabe que superstição é pecado e tem tanta superstição?”. Ela respondeu: “São coisas que a gente nasceu com elas [...]”(MORLEY, 1998, p. 174).

Helena pontua:

Os padres todos dizem que é pecado, mas eu duvido que eles também não acreditem. É uma coisa que a gente já nasce sabendo que a voz do povo é a voz de Deus. Eu falei que de mim não vou acreditar nessas coisas, vovó. E ela disse; “Sim, minha filha, não digo que você deva acreditar em muitas delas, que acho que é bobagem (MORLEY, 1998, p.174).

Estou convencida de que aqui em Diamantina reza vale mais do que proteção ou trabalho. Comigo e toda nossa família não falha. É só a gente rezar uma oração bem forte, com muita fé, e vai logo servida. Mas hoje eu verifiquei que, em casa de gente muito boa como seu Juca Neves, é só pedir que Deus atende, mesmo sem reza.” (MORLEY, 1998, p.183).

Festa de Nossa Senhora do Rosário (MORLEY, 1998, p.185).

De vez em quando Padre Neves se referia a isso no Catecismo, dizendo: “este ano ninguém se confessará tolinha como o ano passado. Confessei duas meninas que me desapontaram com a tolice delas. Uma contou horrorizada o pecado de me achar feio. Outra, quando eu lhe dava a absolvição pensando que estava contrita, estava contando os botões de minha batina.” (MORLEY, 1998, p.197).

Neste diário, percebemos aspectos religiosos, históricos aliados a necessidade e ao desejo de ascensão social da personagem. Dessa maneira, a constituição da personagem não resulta apenas de eventos internos, mas está ligada aos eventos externos, seja nos limites do lar, da família, da escola e da rua. Há um processo dinâmico e reflexivo: viver, observar, registrar e reelaborar o cotidiano. Por conseguinte, esse movimento circular resulta num processo de aprendizagem e acentua a maturidade psíquica, afetiva e emocional da adolescente que extrapola comportamento típico dessa fase.

Vale assinalarmos que a partir da tradição do romance de formação conforme a sua definição inaugural do “Bildungsroman”, a protagonista perpassa pela fase inicial da adolescência, vivencia experiências ao longo dos registros, sofre modificações internas, percebe e enfrenta as dificuldades diversas impostas pela vida. Os registros correspondem aos anseios da jovem, como também de como se dá a organização familiar. Além disso, a protagonista observa as condições da constituição do mundo social e político de Diamantina. Helena narra sobre o homem comum, o político, o ex-escravo, o hóspede, o padre, as mulheres nos seus diversos papéis, enfim, todas as categorias sociais e sem rebuscamento sobre cada um deles. O registro é fiel ao olhar de Morley. Ao referir-se a si mesma, Helena percebe a sua condição marcada pela contradição, conflitos e dúvidas.

A escrita do diário no século XIX era uma prática comum entre as meninas, testemunhavam um tempo e espaço, acrescido ao relato de casos e fatos pessoais e familiares, como também atitudes, comportamentos que perpassam pela História e pela política. A evocação do passado, conforme Ecléa Bosi no texto *Memória e sociedade*: lembranças de velhos representa uma reelaboração de algo vivido e experimentado. Daí a lembrança “é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito” (BOSI, 1987: 81). Isso requer um estado de reflexão que provoca deslocamento e revisão do já vivido. O passado reaparece de uma forma outra e significativa e determina projeções futuras.

Dessa forma, a escrita do diário de Helena rompe com a ideia de um registro de situações banais de uma adolescente. Ao contrário, permite ao leitor perceber como se dá o processo de constituição da personagem, num determinado momento da História, como também perceber a História. A protagonista se constitui de forma fragmentada e contraditória e, apenas no decorrer dos registros que se pode perceber como se dá a construção da mesma, uma vez que se percebe a mudança de percepção das coisas: “Este conselho que meu pai me deu de deixar de contar às amigas a minha vida e os meus segredos e escrever no caderno é na verdade bom por um lado e ruim por outro” (MORLEY, 1998, p. 205).

Ou seja, Helena problematiza e relativiza situações: “Bom porque depois do desapontamento que Glorinha me fez passar contando a vovó que eu apanhei o pêssego do saquinho, que eu lhe contei em segredo, não precisei de lhe contar mais nada” (MORLEY, 1998, p. 205). O lado bom se concretiza, pois: “Escrevo tudo neste caderno que é o meu confidente e amigo único. Mau porque me tem tomado tempo que eu não podia perder.” (MORLEY, 1998: 205). Ainda, diz que: “Depois deste conselho de meu pai de

conversar com o caderno a minha vida piorou e penso que emagreci ainda mais” (MORLEY, 1998, p. 206). A escrita resulta não apenas do incentivo proposto pelo pai, mas da necessidade de dialogar consigo, repensar situações dolorosas e fatídicas, as mesmices, as controvérsias, as alegrias e as tristezas. Voltar-se para si mesma e lançar-se de volta ao mundo. Ela tem consciência que é a única aluna da escola que escreve tudo o que pensa e acontece nas cartas ou redação para o professor seu Sebastião. Acredita que a escrita é algo elementar e acha muito engraçado quando sua avó Teodora admira sua capacidade para tal atividade.

Além da escrita e das atividades escolares, a leitura é uma prática recorrente no cotidiano de Morley e não se reduz apenas as atividades escolares, pois tia Madge a incentiva e colabora para tal exercício: “Eu fui acabando de aprender a ler e tia Magde, que só acha bom o que é inglês, arranjou *O poder da vontade* e me fez ler para ela ouvir. Acabado este deu-me outro: *O caráter*. Eu tinha de ler e contar tintim por tintim” (MORLEY, 1998, p. 58). Helena reflete sobre o texto que lhe foi dado para ler:

Tenho certeza de que esses livros não me valeram de nada. Força de vontade não adquiri nem um pinga mais do que eu já tinha. Caráter não mudei em nada. Bondade, nada mais do que eu já tinha. Só uma coisa eu penso que lucrei, mas não tenho certeza se foi Samuel Smiles que me ensinou, pois não me ensinou outras coisas: foi aprender a ser poupada e a guardar tudo o que tenho (MORLEY, 1998, p. 58).

Apesar de achar de que nada valeu, ainda diz:

Cada um de nós tem duas ou três galinhas. Meus irmãos só esperam as deles botarem e às vezes até acabam de puxar ovo da galinha para assarem na colher ou fazerem gemada. Eu, desde que li os diabos dos livros, ajunto os ovos. Quando inteiro uma dúzia eu vendo. Uma vez comprei uma escova de dentes; outras vez comprei um par de meias. Se vovó manda um queijo ou uma caixeta de marmelada para nós, os outros comem a parte deles no mesmo dia, eu guardo a minha parte para ir comendo aos poucos; mas sempre acabo repartindo com eles (MORLEY, 1998, p. 58-9).

A mãe, por sua vez, gosta da atitude da filha e pediu a tia Madge para emprestar o livro para Renato ler, porém ele não conseguiu lê-lo. Samuel Smiles foi escritor e reformador britânico, ficou conhecido, sobretudo por ter escrito livros de auto-ajuda, sobre virtudes e biografias que enalteciam os feitos de engenheiros heróicos. Diante da insistência, o irmão de Helena disse que não perderia tempo com Samuel Smiles, preferia ler Júlio Verne. O entusiasmo da mãe decorre do efeito que a leitura propicia quanto à organização econômica, vê o ato de ler como uma função prática e pedagógica. Por conseguinte, nos remete à questão da economia e o desejo de mudança. Daí atuar como professora poderia ser um caminho para ascensão social:

Eu, tirando meu título de normalista, sei que tudo vai melhorar, pois irei até para o fim do mundo dar minha escola. Já fiz meus planos, tão bem assentadinhos, que até poderemos guardar dinheiro. Mas deixar meu pai naquela peleja, furando a terra a espera de diamantes que não aparecem, é que não deixarei (MORLEY, 1998, p. 71).

A educação representa uma forma de emancipação econômica que possibilita melhores condições de vida, visto que a mineração estava em decadência. Nesse contexto, a representação da família de Helena apresenta aspectos distintos dos padrões tradicionais estabelecidos na época, principalmente pelos tios e tias:

Eu e Luisinha passamos um dia, esta semana, na casa de tia Aurélia com as nossas primas. Elas são muito boazinhas, mas vivem metidas numa casa da cidade que não tem vista nem jardim para se brincar e não se pode ficar na rua. Temos de ficar brincando só de fazer comidinha de boneca o dia inteiro. Antigamente eu ainda gostava, mas hoje com treze anos não gosto mais desses brinquedos” (MORLEY, 1998, p. 64).

A personagem já não gosta mais de brincar de bonecas e fazer comidinhas, gosta de visitar os parentes e vizinhos, preocupa-se em observar e questionar os problemas que a circunda. Além do mais, mantém uma relação ativa com os adultos, visto que se interessa pelos acontecimentos experimentados por eles: “Eu costumo ficar escutando a conversa de minhas tias para ouvir as novidades, que é sempre o que vem em primeiro lugar antes do preço dos mantimentos [...]” (MORLEY, 1998, p. 75).

A mãe de Helena reclama das atitudes tomadas pela filha, mas a menina não quer repetir a experiência materna: “Mamãe é quem tem pena de mim porque diz [...] Mas eu é que não serei tola de fazer de uma vida tão boa uma vida de sofrimentos (MORLEY, 1998: 52). Helena é dinâmica, vê a vida a partir de perspectivas diferentes das formas tradicionais e questiona a mãe constantemente. Em um dado momento quando visita a casa dos primos com frequência, a mãe reclama: “Respondi: “Eu que não compreendo que a senhora me tivesse criado com liberdade desde pequena e agora queira me prender em casa. É inútil, mamãe, tenho [...]” (MORLEY, 1998: 311). A mãe não tem o domínio sobre Helena. Daí a conversa:

- Minha filha, quem sabe você acha que o mundo vai acabar? É o que eu penso quando vejo você nessa ânsia de se divertir. [...]
- Sabe por que a senhora ficou nervosa assim à toa, mamãe? É porque em vez de ficar lá vendo a gente brincar [...] (MORLEY, 1998, p. 319).

Helena é sociável, gosta de participar das conversas, vive em constante equilíbrio e desequilíbrio, seja psicológico ou em relação com o outro, todavia prima pela liberdade: “Se há uma casa onde eu não gosto de dormir é na casa de tia Aurélia. Não agüento o método e a ordem de tio Conrado com hora para tudo. Isso só dá certo para o estudo dos primos, mas para mim é enjoadíssimo!” (MORLEY, 1998, p.73), mas importa que “A minha vida é cheia de surpresas [...]” (MORLEY, 1998, p.318), sobretudo no que se refere aos estudos, visto pelo apreço que o pai e a avó Teodora demonstram: “Faço hoje quinze anos. Que aniversário triste!/Como eu sofro de ver que mesmo na cama, pensando com está, vovó não se esquece de mim e de meus deveres e que não fui o que devia ter sido para ela. [...]”(MORLEY, 1998, p. 286). Helena registra: “Vovó, mesmo doente, me manda para o quarto estudar, mas eu só posso escrever. Estudar é impossível. Tenho ido à escola estes dias, pois vovó, da cama, não se esquece de mim e de meus estudos. Tenho de ir ao quarto dela antes de sair, beijar-lhe a mão, e depois quando volto.” (MORLEY, 1998, p. 286).

O exercício da escrita mobiliza a personagem a reviver as experiências cotidianas. O pai é o responsável pela escrita do diário:

Cada dia acho mais razão no conselho de meu pai de escrever no meu diário o que penso ou vejo acontecer. Ele me disse: Escreva o que se passar com você, sem precisar contar às suas amigas e guarde neste caderno para o futuro as suas recordações.

Se eu não tivesse esse caderno poderia guardar na memória o caso tão engraçado que vi ontem? (MORLEY, 1998, p. 68).

O diário revela um tom de confiança e segredo: “Se vovó lesse isto que estou escrevendo aqui ela ficaria aborrecida comigo. Ela não pode compreender que a gente não ache rezar a melhor coisa da vida. Eu só gosto de rezar quando estou triste ou na hora que está trovejando” (MORLEY, 1998, p. 99). Ao discutir sobre inteligência, o pai e a avó consideram Helena extremamente inteligente, mas ela confessa: “E assim mesmo eu confesso aqui no meu caderno, escondido, que é mais pela simpatia que alguns professores têm por mim do que mesmo pela minha ciência” (MORLEY, 1998, p.172).

O caderno de notas passa a guardar todos os segredos da menina: “eu não devia pôr no meu caderno o que aconteceu hoje. Mas todos os professores viram e é bom que eu deixe escrito tudo o que houve, desde o princípio” (MORLEY, 1998, p.258). Helena também registra situações constrangedoras e revela a maneira como consegue proteger-se e defender de um possível assédio, ou da hipocrisia indisfarçada para agradar a matriarca rica, porém, ela registra de forma velada:

Não gosto de muito cuidado. Nossa família tem um homem que nem ao meu caderno eu conto quem é, que gosta de pôr a minha mão entre as dele e me agradar, para agradar vovó. Que horror que tenho! Fico arrepiada que parece que minha mão está em cima da barriga de um calango. Graças a Deus ele já não está fazendo isto mais; parece que já viu que eu não gosto (MORLEY, 1998, p. 258).

Daí a importância do diário que extrapola as fronteiras de um registro autobiográfico, visto que os relatos revelam não só a existência de si, mas de um grupo maior: o grupo familiar, escolar e os moradores de Diamantina. Maurice Blanchot assinala no texto *O livro do porvir* que o:

O diário faz às vezes de confidente, quer dizer de amigo ... a ambição de eternizar os belos momentos e de fazer da vida um bloco sólido que pudéssemos estreitar contra nós, fortemente abraçado e, finalmente, a esperança de, pela união da insignificância da vida e da inexistência da obra, elevarmos a vida nula à bela surpresa da arte e a arte informe à verdade única da vida, o entrelaçamento de todos esses diferentes motivos faz do diário um empreendimento de salvação: escrevemos para salvar a escrita, para salvar a vida pela escrita, para salvar o nosso pequeno eu (as vinganças sobre os outros, as maldades que destilamos) ou para salvar o nosso grande eu fazendo-o passar pelo que não é, e então escrevemos para não nos perdermos na pobreza dos dias [...] Escrevemos para salvar os dias, mas confiamos a salvação á escrita, que altera o dia (BLANCHOT, 1988, p.196).

Podemos observar que o diário no decorrer dos anos passa a ser significativo e materializa-se como algo que faz parte da completude interior de Helena. O diário é a extensão de sua subjetividade, a configuração e materialização psicológica das ações experimentadas na dimensão social e real. Além disso, a avó, figura extremamente importante para Helena, “[...] fica toda inchada de alegria de ver as coisas que eu escrevo. Mamãe nunca olha o que escrevo, mas vovó quer que eu leia tudo para ela e também para as pessoas de fora. [...]”(MORLEY, 1998, p. 114).

Essa ligação entre avó e neta se repete com a própria Alice para com as netas ao quebrar a intimidade construída no diário e torná-lo público para as netas ou para um público diverso, posteriormente com a publicação do diário:

Vocês que já nasceram na abundância e ficaram tão comovidas quando leram alguns episódios de minha infância, não precisam ter pena das meninas pobres, pelo fato de serem pobres. Nós éramos tão felizes! A felicidade não consiste em bens materiais mas na harmonia do lar, na afeição entre a família, na vida simples, sem ambições – coisas que a fortuna não traz, e muitas vezes leva (MORLEY, 1998, p. 14)

Assim, o diário passa pertencer a uma coletividade, aos leitores contemporâneos que se deparam com a vida no fim do século XIX, através das “impressões de uma menina, de uma cidade sem luz elétrica, água canalizada, telefone, nem mesmo padaria, quando se vivia contente com pouco, sem as preocupações de hoje. E como a vida era boa naquele tempo!” (MORLEY, 1998, p. 14). Exige, então, a relação que se estabelece entre o narrador e o leitor. Dessa forma, os segredos perdem a especificidade do diário, visto que é compartilhado com os leitores. O leitor se depara com uma Helena que lança olhares além de seu tempo, às vezes, irônica, destemida, corajosa, crítica e inconformada com certas atitudes e situações do cotidiano.

Conforme Lopes e Reis, no *Dicionário de narratologia*, o diário caracteriza-se pela constituição das experiências vividas no dia-a-dia do narrador, marcado pela autobiografia e por relato intimista. No texto em questão, podemos observar de que se trata de vivências diárias que resultam das experiências imediatas que provocam certa tensão. Lopes e Reis assinalam que o narrador:

[...] do romance projecta então no enunciado a incerteza, a indecisão quanto ao futuro, mesmo, em certos casos, o mistério, que decorrem do teor fragmentário e “em progresso” temporal da narração e, conseqüentemente, da própria história; o presente (que não é neste caso, um presente histórico) ou o pretérito imediato traduzem de forma particularmente expressiva estas dominante, [...]” (LOPES; REIS, 2002, p.107).

Desse modo, a narração intercalada não propicia ao leitor fatos acabados, resulta, então, em uma narrativa fragmentada e entrecortada, visto que o narrador relata algo que lhe aconteceu ou presenciou, ou emoções e sentimentos, intercala, assim, a narração diária e a experiência vivida. No entanto, os fatos posteriores dependem das circunstâncias indefinidas pelo próprio narrador, já que relata fatos por etapas e de maneira entrecortada, interposta no decorrer da narrativa.

De um lado, Helena registra de forma intensa aquilo que vive, pois conhece na totalidade a situação e os eventos que narra, ou então, apropria-se de uma parte dos acontecimentos. Por outro lado, a menina pode manipular os eventos conforme suas necessidades ou percepção que tem do real. Daí o risco de manipulação e relativização das ações que integram cada relato. Além disso: “Quem escreve um diário liberta-se de cada dia na medida em que adota uma distância e dá testemunho do já decorrido” (STAIGNER, 1966 apud LOPES;REIS, 2002: 105). Nesse sentido, a narradora permite a presença do leitor na constituição do evento narrativo, bem como perceber a constituição da personagem a partir das diferentes perspectivas que lhe é dado.

Antonio Candido (1976) assinala que o romance moderno não apresenta necessariamente uma personagem compacta em sua totalidade, como nos romances tradicionais. Percebe-se a quebra de um esquema fixo e delimitado, variando o grau de complexidade do mesmo. A personagem “é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização” (CANDIDO,

2002, p. 60). A partir da combinação e seleção múltipla da personagem evidencia-se o seu caráter subversivo e em contínua mudança. No texto em questão, o leitor se depara com as impressões registradas por Helena e também pelos olhares alheios. Daí a configuração da personagem não se dá de maneira linear, e o leitor é convidado a jogar com as diferentes perspectivas que lhe são oferecidas.

Minha vida de menina conta-nos, a história de Helena, uma adolescente que vive intensamente a passagem do século XIX para o século XX. Apaixonada pela vida: “Mas eu gosto tanto de me divertir” (MORLEY, 1998, p. 34), expressa intensa autonomia: “Eu regulo por mim; tenho inveja das pessoas e santas mas não posso deixar de ser o que sou.” (MORLEY, 1998, p. 40). Tece reflexões: “Eu sou infeliz nas horas do sacrifício. Não gosto de fazer sacrifício [...]” (MORLEY, 1998, p. 42). Percebe as máscaras sociais e a hipocrisia: “Se há uma coisa que me faz muita tristeza é gostar muito de uma pessoa, pensando que ela é boa e depois ver que é ruim” (MORLEY, 1998, p.65). Observa si mesma e problematiza olhares alheios: “Por que todo mundo gosta de reprovar as coisas más que a gente faz e não elogia as boas? Eu e minha irmã nem parecemos filhas dos mesmos pais. Eu sou impaciente, rebelde, respondona, passeadeira, incapaz de obedecer e tudo o que quiserem que eu seja. Luisinha é um anjo de bondade (MORLEY, 1998: 78).

O diário de Helena trata-se da descoberta de si mesma e do papel que desempenha na sociedade, através das múltiplas experiências vivenciadas ao redor de inúmeros personagens (pais, avó, tios, tias, primas, primos, amigas, professores, padres, vizinhos, ex-escravos, moradores em geral) que desfilam nos registros de Helena. Enfim, esta leitura permite-nos uma visão parcial, marca o início de um caminho a ser percorrido, visto que há necessidade de discussões e releituras para entender e buscar algo mais em *Minha vida de menina*, porque Helena abre horizontes e perspectivas inúmeras para que o leitor participe do evento ficcional e perceba nas entrelinhas do diário um vasto mundo. Assim, vale nos apoiarmos em Roberto Schwarz que nos mostra uma das meninas mais importantes da literatura brasileira:

Sob muitos aspectos a literatura de Helena Morley realiza com naturalidade um ideal da poesia moderna. Longe de abundâncias ou parcimônias de escola, escorada na sorte de uma situação histórica especial, a menina acerta sem querer com que os outros procuram em vão. Essa facilidade naturalmente tem algo de utopia, que sem se repetir à vontade está disponível para o pensamento. (SCHWARZ, 1997, p. 132).

Por fim, as lembranças e memórias de Helena se cruzam com olhares plurais, permitem-nos repensar o passado, perceber a voz de vó Teodora que dizia: “Você é que vai valer a sua família, minha filha. Você é tão inteligente e boazinha.” (MORLEY, 1998:, p.335). Abre-se, então, um espaço para refletirmos sobre a literatura brasileira.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AGUIAR, Maria Salete Alves de. *Imagens de um processo formativo: a educação da menina no diário “Minha vida de menina” de Helena Morley*, 2004, 114 f. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BLANCHOT, Maurice. *O livro do provir*. São Paulo; Martins Fontes, 1988.

BOSI. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª Ed. São Paulo: companhia das Letras, 1994.

CANDIDO. A. et al. *A personagem de ficção*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. 10ª impressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

REIS, Carlos. LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. 7ª edição. Universidade de Coimbra: Almedina, 2002.

SCHWARZ, Roberto. “Outra Capitu”. In: *Duas meninas*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.